

A encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos na Festa de São Tiago de Mazagão Velho – AP: um grito de resistência na Amazônia brasileira¹

Juliana Souto Lemos*
Elizabete Sanches Rocha**

Mazagão Velho é um distrito de Mazagão, fundado em 1770 às margens do Rio Mutuacá. Sua população é formada por remanescentes da colônia portuguesa estrategicamente estabelecida no Marrocos no início do século XVI, objetivando a disseminação do cristianismo e servindo de entreposto às rotas de comércio entre África e Europa. Foram mais de dois séculos de possessão e intensas batalhas travadas entre os seguidores de Maomé, que cercavam a grandiosa fortaleza e os seguidores de Jesus, que eram ali sustentados pela Coroa Portuguesa. No entanto, com o passar do tempo, diante dos intensos ataques e grandes dificuldades em se manter condições mínimas de sobrevivência aos moradores da fortaleza, os portugueses decidiram bater em retirada rumo às terras brasileiras, que naquele período sofriam ameaças de invasão francesa, mais especificamente as terras do Amapá, que faz fronteira com o Suriname,

¹ O presente artigo é parte componente da pesquisa de doutorado em andamento, que busca identificar a dramaturgia presente na encenação da Batalha entre mouros e cristãos, realizada anualmente em Mazagão Velho, interior do Amapá. A pesquisa, que vem sendo realizada utilizando as noções metodológicas da etnocenologia, contou com investigação de campo realizada no período de 2018 a 2020 com registros em forma de vídeos, áudios e fotografias de entrevistas a membros da comunidade e seu cotidiano. Aqui debruçamo-nos sobre a realização da primeira Festa de que se tem notícias em Mazagão Velho e sua relação com a Festa de São Tiago e o pedido de socorro e protesto às autoridades da época frente ao descaso a que foram submetidos. Entendemos que ainda hoje a manutenção e realização da Festa carregam este apelo que é passado de geração a geração desde 1777.

* Doutoranda inscrita na linha de pesquisa Teoria e Crítica do Drama do PPG em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar). Mestre em Artes, pelo PPG em Artes da Escola de Belas Artes-UFMG (2017) linha de pesquisa Artes da Cena. Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2013). Professora do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP.

E-mail: julianaslemos@yahoo.com.br

** Mestre (1998) e Doutora (2003) em Estudos Literários pela FCL, UNESP, campus de Araraquara. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCL, UNESP de Araraquara e do curso de graduação em Relações Internacionais da FCHS, da UNESP de Franca. Coordena o Núcleo de Estudos Linguísticos e Culturais (NELC), grupo de pesquisa credenciado no CNPq.

E-mail: elizabete.sanches@unesp.br

Guiana Francesa e Oceano Atlântico. A Batalha entre mouros e cristãos, no entanto, consiste na encenação deste grande conflito sob o olhar do cristianismo e compõe o cronograma de atividades da Festa de São Tiago, que acontece anualmente no período de 16 a 28 de julho, desde 1777, quando a mesma aconteceu pela primeira vez por ocasião de celebrações da Corte Portuguesa.

Naquele momento, seriam, ao todo, oito dias de festa, sendo seis deles patrocinados pelo senado da câmara de Mazagão e os dois últimos dias seriam financiados pela comunidade. Desse modo, os seis primeiros dias eram compostos por celebrações religiosas e o restante, por atividades artísticas. A ordem de festividade chegou a Mazagão no início de setembro e deveria ser realizada entre os dias 16 de novembro e 1º de dezembro, como de fato se deu.

A respeito das atividades artísticas dos últimos dois dias, Vidal (2008) apresenta um recorte de notícias identificado no Arquivo Público do Pará, que se refere ao acontecimento que teve início na noite do sábado, dia 22 de novembro de 1777, quando:

[...] depois de acesas as luminárias e ter o comandante huma bem vistoza, sahio da Praça um bem vistozo carro triunfante com 20 figuras bem compostas e asseadas de Meninas, que cantaváo; seguiase abacho os que tocaváo instrumentos que se compunhão de três Rebecas e três violas, no corpo do carro dez mascaras de dançarino que formaváo huã bem vistosa contradança e no meyo do Carro hum Mascara que recitava varios epílogos e Obras Poeticas, em aplauzo da mesma funcção. Diante deste Carro hião duas Alas de Mascaras com Alabardas, cujas Alas eráo tiradas por hu Mascara bem preparado com espada na mão. No meyo das Alas hia um Anjo a cavalo muito bem ataviado o qual levava na mão huã Bandeira com as Armas Reaes. Nesta ordem se foi conduzido tocando Marchas até a Porta do Commandante donde se deo Principio com os epílogos. Danças, Cantos e outras Praticas, tudo com muito gosto de todo o povo; Depois foi seguindo esta função por todas as ruas, e a cada porta de Official se repetiáo as Danças, e mais aplausos (Arquivo Público do Pará Cod 313, d. 87 apud VIDAL, 2008, p. 216-217).

Diante dessa narrativa, compreendendo-a como pilar para a Festa de São Tiago e, conseqüentemente, da encenação da Batalha entre Mouros e Cristãos, é possível identificar alguns elementos que ainda hoje participam da festividade. Como exemplo, temos a interseção do sagrado e profano, destacando a ladainha em latim ainda entoada pelas mulheres, que fazem a novena todos os anos. Também os mascarados permanecem, mas agora, além de serem os protagonistas de um grande baile de máscaras que dura toda a noite, eles também participam do combate junto às tropas mouras, como estratégia para assustar os cavalos cristãos. Além disso, a comunidade se

diverte durante as noites, enquanto competem por um prêmio no jogo de bingo e/ou no show de um artista local, na praça do pequeno distrito. A expressão “figuras”, citada para identificar as meninas que cantam no “carro triunfante”, é ainda utilizada para identificar os personagens principais da encenação, como a “Figura de São Tiago” e a “Figura de São Jorge”. A procissão pelas ruas e a dança e canto nas portas dos oficiais se assemelham aos momentos da dança do *vomi nê*. O termo ‘*vomi nê*’ viria da contração da expressão ‘*vamos nele*’, de acordo com Vidal (2008, p. 262). E, nesse contexto, se refere à dança de vitória dos cristãos realizada em momentos específicos nas casas dos festeiros e ou pessoas homenageadas da Festa de São Tiago.

No entanto, enquanto atualmente o canto do *vomi nê* exalta em seus versos a história e a cultura de Mazagão Velho, além do culto a São Tiago, naquela primeira festa foram compostos 10 poemas para serem cantados em exaltação a Portugal e também à história de Mazagão, como apresentado por Tinhorão (2000 apud VIDAL, 2008, p. 218):

Viva o Reyno, a Patria viva,
Viva apesar da enveja,
Viva a nossa Santa Igreja,
Ahú viva siga outro viva.

A voz sonora, e altiva,
Sublimando esta função
Diga com muita razão
Em aplauzo táo Real,
Viva todo Portugal,
Viva o Nosso Mazagão.

Não podemos deixar de observar a presença da figura do anjo a cavalo, levando a bandeira e as armas como sinal de proteção divina. Seria possível compará-lo à figura de São Tiago, que também a cavalo carrega uma espada e protege a fé cristã na atualidade? A ausência de registros nos impede de afirmar a transição do papel do anjo para o de São Tiago, porém identificamos as simbologias representadas por tais “figuras” como elementos significativos das encenações.

Após a passagem do Carro triunfante e a dança nas casas dos oficiais, a festa continuou e teve como cenário o rio Mutuacá, “[...] subirão huã Náo de Guerra, e hum Corsario, os quaes se encontrarão com hu grande Chavelo de Mouros, que depois de hum bem vistoso combate se rendeo” (TINHORÃO, 2000 apud VIDAL, 2008, p. 219). Sobre este episódio da encenação, Vidal (2008, p. 219) afirma que “[...] nunca houve combate marítimo diante de Mazagão”; embora os piratas de Salé ameaçassem os

navios mercantes que abasteciam Mazagão, não se encontraram registros sobre ataques à fortaleza.

Posteriormente à batalha naval, teve início, no domingo, dia 23 de novembro, outro grande momento da festividade, quando:

[...] a noute se ezeudou com toda a perfeição a ópera de Dermonfonte em trácia: que se repetio segunda vez e terceira: logo se ezeudou a de Dido desprezada, destruição de Carthago que se repetio segunda vez, e ultimamente Eneas em Getulia segunda parte de Dido que se ezeudou uma só vez. Finalizada em função das Operas que foi o dia 1º de Dezembro por ter havido dois dias de descanso; no dia 3 se executou por conta do Commandante a Peça intitulada O mais heroico segredo, ou Artaxeze; com que se deo fim. E no mesmo dia se começaram mais três dias de luminárias por nova direcção feita pelo Commandante. (Arquivo Público do Pará Cod 313, d. 87 apud VIDAL, 2008, p. 220).

Aqui destacamos a dedicação e talento das pessoas envolvidas nas montagens das óperas, além do benefício à saúde mental da população com tais representações, sendo inclusive ampliados os dias de festa. Lembramos que neste período, a população de Mazagão passava por terríveis pandemias, escassez de alimento, vestimenta e padecia com as questões climáticas da floresta amazônica. Atentamos também nesse trecho à questão da “direção”; ainda seria cedo demais para o emprego deste termo atrelado à encenação, contudo somos levados a refletir sobre a função que certamente foi desempenhada por alguém ou algumas pessoas da vila.

[...] com efeito não esqueçamos que 142 chefes de família de Nova Mazagão declararam solenemente, em 1779, possuir o título nobiliárquico de cavaleiro fidalgo – o que significa que alguns entre eles receberam uma educação na qual a arte da guerra e a arte musical tinham o mesmo peso. E realmente a ópera é objeto de grande entusiasmo no Portugal de dom Jose I (VIDAL, 2008, p. 222).

Nesse contexto, Amaral (2007) destaca que o rei Dom José I faleceu em fevereiro de 1777, e que, em primeiro de março, o Marquês de Pombal, então Secretário de Estado do Reino, no período de 1750 até 1777, pediu demissão do cargo, o que foi concedido pela nova rainha D. Maria I. Desse modo, libertos da tirania pombalina, os “mazaganistas”, como se refere Amaral (2007, p. 216), “[...] tiveram a percepção de que a nova rainha e a ‘Viradeira’ lhes abriam a possibilidade dum tratamento mais humano, que aliviasse a extrema miséria a que haviam chegado”. O que corrobora o pensamento de Vidal (2008, p. 226), segundo o qual “[...] a escolha dessas óperas e sua sequência não

se deram por acaso”. Diante do exposto, entende-se que esta grandiosa festividade citada acima foi produzida pelos senhores fidalgos, em tempo exíguo, com o intuito de homenagear a corte portuguesa como previsto, mas também com o objetivo de terem visibilidade aos olhos da corte portuguesa, com a esperança de serem socorridos das precariedades em que viviam.

Contudo, enquanto a cidade da memória se manifesta nos preparativos da festa, a cidade “real” se materializa como apresentado em carta do Sr. Miguel Soares ao antigo governador de Mazagão, D. José Vasques da Cunha, em julho de 1777 (apud AMARAL, 2007, p. 218-219):

Sustentam-se estes moradores todo o ano em arroz, e às vezes sem tempero algum, somente cozido em água, que este para mim só a muita necessidade o como, carne de vaca, porém esta tem suas faltas, não muito poucas, e do mês de Agosto até Dezembro algum peixe se apanha, porém este é tão indigno, e cheio de espinha, que só este serve para quem tem natureza de gato, e passados estes quatro meses, não há aqui mais nada de sustento, [...] e também julgo em poucos anos se concluirão estas descendências, pois olhando para quase todos os vejo de mudados de cores, [...] e agora até por último os próprios filhos que eram de quem se valiam os Pais, a maior parte destes lhe tiraram para soldados, [...] e só concluo dizendo que os Mazaganistas são os homens mais infelizes que cobre o sol, pois tiveram logo a infelicidade de V. Ex^a. se não achar com eles no seu despejo, e agora os vejo mortos de fome, cheios de trabalhos, sujeitos a misérias como homens, e sempre com título de maus, não se lhes deferindo o requerimento.

A carta de Miguel Soares, como se pode observar nos trechos apresentados, nos aproxima das evidências sobre quem realiza a Festa de São Tiago, ainda hoje, em Mazagão Velho, quase 250 anos depois deste primeiro momento. São eles os descendentes dos que “restaram”, dos que sobreviveram à escassez de alimentos, às condições climáticas desfavoráveis, às doenças locais, ao excesso de trabalho e também aos movimentos políticos. Afinal, de acordo com o Sr. Jozué, morador da comunidade, com a mudança da sede do município para Mazaganópolis (1915), toda a elite branca que restava se mudou também. Desse modo, restaram os pobres e mestiços que não tinham condições financeiras para construir novas casas em Mazaganópolis, mas que, obrigados pela condição social e racial a qual pertenciam, tiveram que reerguer Mazagão Velho. “Ora, atualmente Mazagão Velho abriga uma das principais comunidades negras do estado do Amapá” (VIDAL, 2008, p. 269).

Vinhemos lá do Marrocos
Para uma vila habitar
Revivendo nossa história num cantinho do Amapá
Sopra o vento africano
O navio sai pro outro lado
Em seus porões desumanos
Vêm nossos antepassados
Saímos lá da mãe África
Com destino a Belém.
Deixando nossas famílias e nossos amigos também
Sofrendo muito maltrato
E todo tipo de agravo
Desembarcam em Mazagão com condição de escravo
Negro valente guerreiro
Ao chegar neste lugar
Arregaçaram as mangas e se puseram a trabalhar
Terra abençoada em terra
Tudo que se planta dá
Com milho, arroz e feijão
Abasteceram o meu Pará
Mesmo longe da mãe África
Humilhado e sem amor
O negro trocou sua casa
E sua história contou
Fui escravo e sou liberto
Vou pra cima e vou pra baixo
E pra comemorar
Hoje canto Marabaixo. (Canção de marabaixo de autoria do Sr. Jozué apud ALMEIDA 2011, p. 65).

Contudo, embora seja uma comunidade com maioria da população negra e na oralidade identificam-se com a origem africana, corroboro Vidal (2008, p. 270), quando o autor pergunta “O que eles realmente entendem por ‘África?’”. A África negra que teve sua população escravizada ou a África da fortaleza Marroquina? E se for a África marroquina, já seriam ali também escravizados os seus antepassados? Aqui caberia um estudo mais aprofundado, mas que não constitui objetivo desta pesquisa.

De todo modo, a Festa de São Tiago é assunto de Mazagão Velho, que se organiza anualmente para este momento tão importante para a comunidade, em que turistas de várias partes do Brasil e de fora também vão prestigiar principalmente a Batalha entre Mouros e Cristãos, que é considerada ponto auge da festa, nos dias 24 e 25 de julho. Nesse momento, o pequeno distrito chega a receber 50 mil pessoas, o que de certa forma movimenta a economia local, pois os moradores, além de alugarem suas casas e/ou quartos para os visitantes, também produzem alimentos e produtos artesanais para a venda. É nesse momento também que, segundo o Sr. Jozué, o distrito recebe os

olhares das autoridades políticas, que buscam visibilidade para suas campanhas e para as melhorias que realizam, revitalizando a estrada de acesso, por exemplo, e atendendo a outras demandas da comunidade. Nesse contexto, levanta-se a hipótese de a manutenção da Festa por tantos anos se dar exatamente pela possibilidade de visibilidade, o que se assemelha ao pedido de “socorro” manifestado em 1777 pela representação das três óperas, afinal é nesse momento que os políticos e turistas se interessam e visitam o distrito. Assim, além da religiosidade e da perpetuação da história de transladação, também se clama por socorro diante de demandas básicas de sobrevivência, como o direito à água tratada, esgoto encanado, energia elétrica e internet de qualidade, além de profissionais qualificados e comprometidos com e para a saúde e educação da comunidade.

Atualmente a Festa tem financiamento do governo estadual, da prefeitura e dos festeiros associados à Associação Cultural da Festa de São Tiago (ACFST), fundada em abril de 2006 e que administra os recursos e produz a Festa para a comunidade. Uma curiosidade apresentada por Vidal (2008, p. 269), confirmada pelo Sr. Jozué, é que:

Quanto à família Flexa, cujos ancestrais vieram da fortaleza marroquina, que esteve na origem da criação de Mazaganópolis, ela nunca vai à festa. A ausência deles é sempre comentada, porque a família continua a desempenhar um papel político e social importante no município.

Além disso, conta o Sr. Jozué que antigamente a Festa era realizada somente pela comunidade, que desenvolvia meios de arrecadações, como os leilões e o bingo, ainda realizados em intervalos das celebrações religiosas, ao longo dos dias de Festa. Outro detalhe é que, geralmente, as pessoas que interpretam as figuras principais o fazem para o cumprimento de promessas realizadas e/ou graças alcançadas. Contudo, atualmente é necessário participar de um sorteio: as pessoas interessadas se associam à ACFST e concorrem, anualmente. Segundo o Sr. Jozué, antes da criação da associação, não havia sorteio e sim uma lista por ordem de assinatura, por vezes uma família festeira passava anos aguardando sua vez e não tinha que pagar nada para participar da lista; hoje existe uma taxa paga para a associação, o que, em alguns casos, impede uma família, que não tem como arcar com o custo, de participar do sorteio.

Atualmente a Festa acontece no período de 16 a 28 de julho e é constituída por novenas e procissões, além da encenação da “Batalha entre os Mouros e Cristãos”. Esta encenação tem duração de dois dias inteiros e acontece sempre nos dias 24 e 25 de

julho, marcando o auge da Festa de São Tiago e conta com o envolvimento de toda a comunidade.

[...] cada pessoa se apressa a finalizar os últimos preparativos para a novena que vai começar naquele mesmo dia: uns repintam seus frontões, outros esticam bandeirolas de uma árvore a outra, as mulheres preparam a igreja de São Tiago (fundada em 1935) e vestem as imagens de São Jorge e São Tiago com galões azuis, vermelhos, amarelos, verdes... Com a proximidade da festa, Mazagão se enfeita com suas cores mais belas (VIDAL, 2008, p. 258).

Do dia 16 ao dia 23 de julho, a programação é composta por novenas e procissões, das quais se encarregam as mulheres, que não participam da encenação da Batalha; somente os homens compõem a encenação ali representada, enquanto as mulheres são responsáveis estritamente pelos preparativos como os figurinos, adereços, comidas e também da parte religiosa da Festa.

No dia 24 de julho, os arautos “a toque de caixa”² ainda de madrugada, por volta das cinco da manhã, saem em cortejo, passando pelas casas das chamadas “Figuras”, que são as pessoas que representarão personagens importantes da batalha, como São Tiago, São Jorge, o Atalaia e o Menino Caldeirinha. Ao som das caixas, a comunidade presente neste momento é conduzida em cortejo pelas casas onde moram os homens que representarão as figuras no ano em questão. De acordo com o Sr. Jozué, a comunidade dispõe de duas caixas que vieram nos navios do Marrocos, na transladação de Mazagão. Estas caixas são ainda utilizadas nos eventos marcantes da festa, informando os momentos de ofensiva e defensiva cristãs, uma é feita de cobre e a outra de madeira, ornada em um pedaço de tronco oco.

Ao entrarem nas casas, todos dançam e cantam o *Vomi nê*, conhecido como a dança de vitória dos cristãos sobre os mouros. Além do *Vomi nê*, também são oferecidas comidas típicas preparadas pelas donas das casas. Por volta das nove horas da manhã, após o cortejo passar pelas casas de todas as “Figuras” da encenação, o mesmo segue em procissão pelas ruas da cidade, em direção à igreja, para uma celebração religiosa, com todos os participantes reunidos.

² Expressão que indica o som do tambor utilizado desde o século VIII pelos árabes, para promover reuniões militares e dar orientações sobre comandos aos soldados. Tal costume se propagou pela Europa com a expansão dos árabes pela Península Ibérica e chegou ao Brasil através dos portugueses. No contexto deste trabalho a expressão é levada ao pé da letra, pois os arautos neste caso realmente tocam o tambor denominado também como caixa pela comunidade.

Figura 1 – “Figura” de São Jorge conduzindo o “Círio”



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Por volta das quinze horas, é realizada a “Entrega dos Presentes”, momento em que os soldados mouros, identificados por seus uniformes de cetim branco e vermelho, entregam alimentos aos cristãos, que, neste momento, são simbolicamente representados por moradores da cidade, personalidades que participam da organização da Festa. Porém, esses presentes representam uma armadilha, pois estão envenenados. O plano dos mouros era envenenar a tropa cristã para não acontecer a batalha no dia seguinte. Como explica Sr. Jozué em entrevista à autora da pesquisa:

[...] houve um termo de conciliação, mas essa conciliação era uma cilada. Então eles estavam comemorando, para os muçulmanos era praticamente como se os cristãos fossem cair na cilada. E isso foi o baile das máscaras. Para selar o acordo de paz a festa seria toda oferecida pelos muçulmanos, mas como em uma guerra é necessário estar sempre em alerta, o chefe dos cristãos desconfiou e quis fazer um teste pegando a comida oferecida e jogando aos animais. Pra isso enviou um soldado também de máscara, porque a máscara era uma arma dos muçulmanos e não dos cristãos e acabaram devolvendo aos muçulmanos o próprio alimento que eles tinham envenenado. E foi aí que morreu o chefe dos muçulmanos, o rei Caldeira. E essa situação é encenada com a entrega dos presentes.

Figura 2 – Máscaras prontas para a encenação de 2019



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As máscaras utilizadas na Festa são, em maioria, confeccionadas em base de barro, como cola de tapioca e papel pelo Sr. Elizardo, morador da comunidade. Também são utilizadas pela comunidade em geral máscaras e fantasias industrializadas, de modo a produzir um grande baile de máscaras.

Figura 3 – Senhor Elizardo, fabricante de máscaras em Mazagão Velho



Fonte: Arquivo da autora.

Como citado, devido ao alimento envenenado, grande parte da tropa moura morreu, inclusive o chefe Caldeira. Seu sucessor foi seu filho de uns três anos de idade. O Menino Caldeirinha, como é chamado, passou a comandar a tropa na manhã do dia seguinte, 25 de julho.

Nessa mesma manhã do dia 25 de julho, os arautos saem novamente em direção às casas das figuras de São Tiago, São Jorge, Menino Caldeirinha e Atalaia, dessa vez com o intuito de convidá-los para participar do círio. Uma lenta procissão se estende pelas ruas de Mazagão, transportando as imagens dos respectivos santos, enquanto as “Figuras”, em seus cavalos, abrem o caminho até a igreja onde acontece uma celebração.

As “Figuras” de São Tiago e São Jorge entram na igreja montando seus cavalos, juntamente com as imagens dos mesmos, carregadas por fiéis moradores da cidade. Ao chegar ao altar, São Tiago, erguendo sua espada, diz: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Senhor, eu juro pela cruz de minha espada, que só a colocarei na bainha

quando der por fim esta batalha com a minha vitória”. E então é feito o juramento de São Tiago em defesa da cristandade e de seus fiéis seguidores.

Após a missa, por volta das 12 horas, crianças, adultos e idosos se organizam nas portas das casas formando a tropa de ataque ao Bobo Velho, um espião mouro mascarado que tenta se infiltrar no acampamento cristão para convencer os soldados convertidos a se dirigirem ao acampamento mouro. No entanto, ele é descoberto e, como representação, a população lhe joga bagaço de laranja enquanto, sobre o cavalo, faz três tentativas e não obtém sucesso, pois fora descoberto.

Figura 4 – Figura do Bobo Velho. Foto de Gabriel Penha



Fonte: TAVARES (2016).

Posteriormente à passagem do Bobo Velho, por volta das 14 horas, um arauto que transita pelas principais ruas anuncia, com a ajuda de fortes batidas de tambor, o início da Batalha. A partir das 15 horas, sete cenas ou sete episódios, como denominado pela comunidade, vão acontecer. Cada episódio conta com o anúncio deste arauto ao tambor.

O primeiro “episódio” trata da morte do Atalaia Cristão, que invade o acampamento mouro e rouba o estandarte. No entanto, este Atalaia foi descoberto e ferido pelos mouros, mas consegue chegar em tempo de dar o alerta e jogar o estandarte aos cristãos, antes de morrer e cair de seu cavalo. No segundo “episódio”, os

mouros capturam o corpo do Atalaia e o decapitam. No terceiro, os cristãos armam uma emboscada que dizima grande parte dos soldados mouros. Já no quarto, acontece o rapto das crianças cristãs, momento em que os soldados mouros mascarados se apoderam de algumas crianças da plateia, gerando gritaria e desespero nas crianças menores. As crianças são, então, simbolicamente vendidas a uma caravana de nômades. O quinto “episódio” é dedicado à proposta do Menino Caldeirinha, que envia um mensageiro mouro para propor aos cristãos a troca do corpo decapitado do Atalaia pelo estandarte mouro. No sexto, a proposta do Menino Caldeirinha feita pelo mensageiro mouro é aceita pelos cristãos, que, ao receberem o corpo do Atalaia, não entregam o estandarte. O último “episódio” é dedicado à batalha final. Os cristãos já estavam perdendo quando, segundo a tradição, surge São Tiago, como um cavaleiro anônimo no momento do pôr do sol. São Tiago pede a Deus que o sol pare por meia hora, para que ele lute pelo cristianismo.

O Sol parou e ele lutou dando vitória aos cristãos. Os mouros se rendem e os cristãos festejam cantando e dançando o “*Vomi nê*”

O crepúsculo se instalou sobre Mazagão Velho. A maior parte dos espectadores já foi embora quando tem início a última procissão (círio), para reconduzir as estátuas equestres da igreja à capela. [...] Nesse tempo incerto, entre a claridade e a escuridão, a procissão é um momento de forte emoção, do qual toda a comunidade é convidada a comungar. São Tiago e São Jorge entram a cavalo na igreja e apoderam-se das imagens. Depois entram os soldados mouros com suas máscaras levantadas: também eles vêm levantar a estátua de um santo. Cabisbaixo em um recolhimento solene, o grupo se dirige para a capela. Um silêncio emocionante e pesaroso circunda essa última cena. Os uniformes brancos e sedosos dos soldados cristãos e as faixas coloridas das imagens ainda brilham na penumbra. Assim se encerra a festa de São Tiago (VIDAL, 2008, p. 268).

É importante ressaltar que, do mesmo modo que se realiza a encenação com a participação dos adultos nos dias 27 e 28 de julho, a encenação da Batalha é também realizada com as crianças da comunidade com o intuito de manter e repassar a tradição às novas gerações.

Figura 5 – “Figuras” de São Tiago, São Jorge e Atalaia



Fonte: Arquivo da autora.

Outro detalhe importante é que, ao longo da encenação, com som amplificado pelos microfones e caixas suspensas em frente à igreja matriz, acontece uma espécie de narração das cenas da Batalha. Por muitos anos essa função foi realizada pelo Sr. Washington Elias dos Santos, mais conhecido como Sr. Vavá Santos, “[...] neto de escravo e filho de sírio, ex-combatente que participou do desembarque na Itália, ele é, antes de mais, o historiador de Mazagão, a memória da comunidade” (VIDAL, 2008, p. 263). Após a morte do Sr. Vavá Santos, essa função passou a ser realizada por três pessoas, uma que faz a leitura dos textos explicativos, atualmente uma mulher de nome Amanda, e outros dois homens: Antônio José Pinto e José Hosana, que são professores e responsáveis por apresentarem os detalhes sobre o contexto histórico representado.

Referências

ALMEIDA, G. P. de. **Mazagão Velho**: diásporas negras, performance e oralidade no Baixo Amazonas. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

AMARAL, A. F. do. **Mazagão**: A Epopeia Portuguesa em Marrocos. Lisboa: Tribuna da História – Edições de Livros e Revistas Ltda., 2007.

TAVARES, E. Encenação teatral da batalha marca o ponto alto da Festa de São Tiago. **Blog De Rocha!**, 26 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.blogderocha.com.br/encenacao-teatral-da-batalha-marca-o-ponto-alto-da-festa-de-sao-tiago/>>. Acesso em: 2021.

VIDAL, L. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1789 – 1783). Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2008.